

A ILHA QUE É MEU CORPO:

território, gênero e colonialidade em *Bem-vindos ao Paraíso*, de

Nicole Dennis-Benn

The island that is my body: territory, gender and coloniality in *Here comes the sun*,
by Nicole Dennis-Benn

Sabrina da Paixão Brésio¹

DENNIS-BENN, Nicole. **Bem-vindos ao paraíso**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018. 416 p.

RESUMO

Em seu romance de estreia, Nicole Dennis-Benn retrata o cotidiano de Montego Bay, costa norte da Jamaica, através do olhar de quatro protagonistas. A autora, jamaicana de nascimento, muda-se para os Estados Unidos aos 17 anos para cursar medicina. Mestre em Saúde Pública, deixa sua atuação como pesquisadora na Universidade de Columbia para se dedicar à escrita. Lança em 2016 *Here Comes the Sun*, traduzido no Brasil como *Bem-Vindos ao Paraíso*, sendo recebido com atenção e boas críticas da mídia especializada, indicado a diversos prêmios literários, dos quais fatura o Lambda Literary Award.

PALAVRAS-CHAVE: Espacialidades; Colonialidade; Gênero.

ABSTRACT

In her first novel, Nicole Dennis-Benn portrays the daily life of Montego Bay, north coast of Jamaica, through the eyes of four protagonists. The author, Jamaican by birth, moves to the United States at the age of 17 to study medicine. Master in Public Health, she left her role as a researcher at Columbia University to dedicate herself to writing. In 2016 he published the book *Here Comes the Sun*, translated in Brazil as *Welcome to Paradise*, being received with attention and good criticism from the specialized media, nominated for several literary awards, and won the Lambda Literary Award.

KEYWORDS: Spatialities; Coloniality; Genre.

¹ Historiadora. Mestre e Doutoranda pela Faculdade de Educação da USP na linha de pesquisa Cultura, Filosofia e História da Educação. Membro do Lab_Arte (laboratório experimental de arte-educação & cultura) e do GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura). Pesquisadora do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP. <http://lattes.cnpq.br/3843715048841499>. Contato: sabrina.bresio@usp.br.

Nesta obra o leitor é convidado a conhecer a Jamaica pelo ponto de vista de quatro mulheres: Margot, uma jovem de 30 anos; sua irmã Thandi, com 15 anos; Deloris, mãe delas; e Verdene Moore, amante de Margot. Cada uma destas mulheres representa um olhar sobre a Jamaica e suas relações sociais, sobre privilégios, espoliação, sexismo e violência, como uma Jamaica não vista pelos turistas, apagada dos registros de propaganda que vendem um paraíso de deleite e exotismo ao estrangeiro.

Margot é a filha mais velha e possui o emprego estável em um hotel de luxo, do qual obtém a maior parte da renda da família. Enquanto molda-se para atender os padrões estéticos ocidentais esperados pelos hóspedes (cabelos alisados e impecáveis, roupas que marcam suas curvas, salto alto), seu corpo é também território a ser explorado, em sua segunda jornada como prostituta. Com o dinheiro que recebe, ela mantém Thandi em um colégio católico particular. A irmã mais nova torna-se o devir desta família despedaçada: é ela quem poderá ter uma vida melhor, quando se formar médica no exterior, e assim poder aliviar o fardo da irmã e da mãe. Thandi sente esta pressão em ser a salvadora da família, ao mesmo tempo em que é cotidianamente confrontada com sua origem pobre e periférica. Tentando se aproximar das meninas de sua escola, recorre à produtos químicos para clarear a pele e ser acolhida como igual. Deloris, a mãe, é uma vendedora de artesanato e bugigangas para turistas, atuando no porto. Diferente das filhas, que se esforçam a usar um inglês mais formal, ela fala em patua, um idioma local, que é transferido para a forma escrita pela autora. Saindo do círculo familiar, há a personagem Verdene Moore, de 40 anos. A única a ser apresentada com sobrenome, será o contraponto amoroso de Margot. Desde a morte da mãe Verdene vive sozinha em uma casa rosa, propriedade herdada que destoa dos barracos que compõe o restante do bairro. É tachada de bruxa e perseguida pela comunidade por ser lésbica.

De cada uma destas mulheres parte um caminho para compreender o que é a Jamaica contemporânea, herdeira de uma imensa desigualdade social imposta pelo colonialismo, e capitaneada como destino turístico exótico para o restante do

mundo ocidental e branco. Construído como um paraíso tropical exuberante, ainda que apenas para a breve passagem de grandes cruzeiros, a região de Montego Bay é também o paraíso da exploração dos corpos e da cultura fabricada para um deleite turístico: “estrangeiros que lhe pagam uma boa quantia para que seja a guia particular deles na viagem pela ilha que é o seu corpo” (DENNIS-BENN, p.12). Margot e Deloris são a espacialidade viva entre os estrangeiros e os locais: enquanto uma encarna o padrão de hospitalidade construído pelos resorts, seja enquanto recepcionista, seja enquanto prostituta; a outra compreende o que se deixar ver enquanto “espécime nativo” em sua postura e dialeto, faz parte do jogo de vender a experiência turística, em troca de dólares:

Enquanto ela conta o troco para devolver à mulher, a flagra observando as bonecas jamaicanas em miniatura. Delores imagina que aquelas bonecas, apesar do exagero, são as únicas imagens do povo jamaicano que a mulher verá na breve parada de um dia de seu cruzeiro. (DENNIS-BENN, 2018, p.22)

Ex-colônia britânica, independente em 1958, as feridas e fraturas sociais que permanecem na Jamaica são expostas ao longo de todo o livro. O romance é hábil em destacar quão fundas vão as raízes da colonialidade² e da globalização:

[...] um tipo de relação social constituído pela co-presença permanente de três elementos – dominação, exploração e conflito – que afeta as quatro áreas básicas da existência social e que é resultado e expressão da disputa pelo controle delas: 1) o trabalho, seus recursos e seus produtos; 2) o sexo, seus recursos e seus produtos; 3) a autoridade coletiva (ou pública), seus recursos e seus produtos; 4) a subjetividade/ intersubjetividade, seus recursos e seus produtos. (QUIJANO, 2002, p. 04)

As espacialidades sociais e seus acessos são definidos pelo colorismo³, bem como pela reação sexista de exploração do corpo feminino. O assédio sexual contra

² Compreendemos o termo como sintetizado por Grosfoguel apud Clayton Messias (2018): a colonialidade possui uma dupla conotação. De um lado, revela “a continuidade das formas colônias ide dominação após o fim das tutelas coloniais, produzidas pelas culturas coloniais pelas estruturas do mundo moderno/ colonial”, em contrapartida, contém uma “capacidade explicativa que atualizada e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela Modernidade”.

³ Ou pigmentocracia, como explicado por Aline Djokic (2015) no artigo *Colorismo: o que é, como funciona*. Disponível em <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/> . Acesso em 20/03/2020.

adolescentes, normalizado no trato cotidiano, pavimenta o caminho que leva estas jovens à prostituição. O corpo destas mulheres ainda é um objeto de exploração pelos países do Norte, através de seus turistas e de empreendedores que se estabelecem nas ilhas do Caribe, criando paraísos artificiais com resorts nos quais a população local trabalha, mas não usufrui, sendo sistematicamente espoliada de suas moradias, do acesso à terra e ao mar como formas de trabalho bem como, ao mesmo tempo, condicionada à receber as “benesses” dos homens brancos.

A distinção do tom da pele é um importante delimitador espacial entre aqueles que “podem ser” e aqueles que não tem escolhas. Thandi pode ser uma estudante em um colégio particular de elite, mas sua pele denuncia sua origem, então ela parte para as modificações corporais com cremes e produtos químicos que prometem o embranquecimento da pele, o “Rainha de pérola”:

Thandi já viu os efeitos do creme nas mulheres que o aplicam, a claridade entrando na pele delas e a escuridão recuando como uma sombra sinistra [...]. mulheres e garotas que antes não eram nada se transformaram em alguma coisa, seus rostos recém clareados tornando-as menos invisíveis e mais bonitas (DENNIS-BENN, 2018, p. 26)

Quando Margot olha para sua companheira Verdene, também vislumbra o privilégio social que sua pele guarda:

Ela tinha aquele cabelo bom que chegava até as costas e a pele de manteiga de amendoim, que algumas pessoas chamariam de dourada; um tom que, na época, fazia com que ela conseguisse um emprego como caixa de banco ou comissária de bordo, ou a coroa de Miss Jamaica. (DENNIS-BENN, 2018, p. 116)

Além deste tema, profundo resquício de uma organização racista advinda da lógica colonial, outros elementos conflituosos convivem no cotidiano destas mulheres: junto à exploração do corpo feminino (aliciada por homens e mulheres), o conservadorismo cristão extremo, que condena a homossexualidade. Verdene obtém uma bolsa de estudos na universidade em Kingston, e ao ser flagrada com sua colega de quarto, é expulsa. Verdene é enviada pela mãe para Londres, onde vive com uma tia, pois: “Se voltasse a River Bank, Verdene poderia ter sido estuprada ou assassinada. Se fosse um homem flagrado com outro homem, teria

sido preso, ferido, mutilado e enterrado.” (DENNIS-BENN, 2018, p. 122). Sua colega de quarto, ela descobre anos depois, foi estuprada coletivamente, espancada e deixada para morrer. Resgatada por um policial, se casa com ele, e se converte ao protestantismo.

Ao fim, esta obra é relevante por apresentar para o leitor uma Jamaica na qual as relações humanas de amor, amizade, afeição e solidariedade são constantemente solapadas pelos resquícios de um passado colonial aterrador e de uma colonialidade persistente. As perspectivas de um vida melhor estão fora (ir estudar fora), ou vem de fora (receber o estrangeiro), construindo um cenário no qual a miséria, a violência e a manutenção de um domínio colonial por parte daqueles que detém o poder financeiro estão dados a ver a luz do dia, mas não devem ser o foco da atenção, devendo permanecer atrás do cenário de exuberância natural e exotismo local que é vendido ao turismo. Inverte-se a ordem entre os estabelecidos e os outsiders⁴, sendo estes mais valorizados e aqueles, mais estigmatizados.

O título original *Here comes de sun* traz em si o sentido de um ditado popular “o lugar ao sol”, e diz respeito às motivações e desfecho da protagonista Margot, e tudo o que lhe custa para alcançar este lugar de privilégio que é estar ao sol. A tradução no Brasil, *Bem-vindos ao paraíso* agrega outros sentidos, transformando o leitor também neste visitante que, ao abrir o livro, pode explorar os territórios de River Bank para além das praias, piscinas e hotéis de luxo, adentrando os táxis, os barracos de madeiras, os corações e as mentes destas quatro mulheres.

Referências

ARAUJO, Fernanda Carolina de. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. **Revista Liberdades**. n^o 08, setembro-dezembro -2011. Disponível em:

⁴ Em referência à obra homônima de Norbert Elias.

http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=96. Acesso em 22/03/2020.

DENNIS-BENN, Nicole. **Bem-vindos ao paraíso**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

MESSIAS, Clayton. **Educação e decolonialidade do saber**: um debate entre Michel Foucault e Enrique Dussel. Itatiba, 2018. 80 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**. Marília (SP), nº 37, maio-2002.

Disponível em :
<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/issue/view/183>. Acesso em 22/03/2020.